

A LIBERDADE GUIANDO O POVO COMO SINTOMA DA MODERNIDADE: O CASO DA LUTA DAS MULHERES

Adriana Natália Zandonai¹

Fábio Feltrin de Souza²

O final do século XVIII traça um momento de ruptura no processo histórico, em que novos sujeitos e novos conceitos são arquitetados a partir da Revolução Francesa. Uma imagem popularmente utilizada para representar esse momento é a famosa obra do pintor francês Eugène Delacroix, *A Liberdade Guiando o Povo* (1830, óleo sobre tela), que, apesar de sua apropriação, é definida pelo próprio autor como o retrato das “Jornadas Gloriosas” ou Revolução de 1830. O foco central dessa obra, e o que mais chama atenção, é a figura da Liberdade, caracterizada por uma mulher de grandes proporções que traz consigo de um lado a bandeira francesa içada e do outro carregando um fuzil. Além de características bem evidenciadas, como o uso do barrete frígio (gorro vermelho), que retomam ideais revolucionários, essa alegoria feminina possibilita um olhar interpretativo ao sujeito mulher nessas transformações e mudanças transitadas numa época “em esclarecimento”, fazendo uso de conceitos kantianos. Avaliando essa alegoria enaltecida por Delacroix, analisaremos quem é essa “Liberdade”, cujo corpo está representado por uma mulher que luta e chama seu povo em meio a escombros e cadáveres humanos. Partindo dessa questão, investigaremos de que forma as mulheres francesas foram participantes ativas nas revoluções e como essa operação contribuiu para movimentos de emancipação feminina na busca de seus direitos civis, correspondendo também no papel de militante política para mãe educadora da pátria, na qual o seu desempenho diverge entre o público e o privado, sendo este último considerado o seu espaço adequado na sociedade. Para compreender tais aspectos, foi levantado e organizado leituras de material bibliográfico e imagético referentes ao contexto histórico dos séculos XVIII e XIX, centrado na história das mulheres nesse período e abordando textos sobre o significado do corpo humano em obras de arte. Também foram incorporadas teses que legitimam tais rupturas no processo histórico, recorrendo à história dos conceitos de Reinhart Koselleck e os regimes de historicidade de François Hartog. Dessa forma, a atual pesquisa aponta o quadro de Delacroix como um sintoma desse regime de historicidade que projeta o futuro no presente, sendo a Liberdade que guia esse novo pensamento, não mais uma mulher idealizada como deusa ou mãe, e sim, um corpo sujo e combativo em progressão.

Palavras-chave: Regimes de Historicidade. Revolução. Alegoria.

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim/RS. Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FAPERGS Edital 141/UFFS/2014. E-mail: a.n.zandonai@gmail.com

²Professor e orientador do projeto de pesquisa do curso de História na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim/RS, doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: fabio.feltrin81@gmail.com